



GT 065. Trajetórias de acadêmicos indígenas, negros e quilombolas: impactos presentes e perspectivas de futuro

Ugo Maia Andrade (Universidade Federal de Sergipe) - Coordenador/a, Osmundo Santos de Araújo Pinho (Universidade Federal do Recôncavo da Bahia) - Coordenador/a, Florêncio Almeida Vaz Filho (UFOPA) - Debatedor/a, Maria Rosário Gonçalves de Carvalho (Programa Pós-Graduação Estudos Étnicos e Africanos; Programa Pós-Graduação em Ciências Sociais) - Debatedor/a

O acesso à universidade suscitou novas perspectivas para segmentos socialmente minoritários, a exemplo de indígenas e quilombolas, e mesmo negros (pretos e pardos) urbanos, cujos indivíduos ascenderam ao ensino superior como realizações pessoais e/ou estratégias coletivas. Todavia, se ainda persistem inúmeros obstáculos à sua permanência na academia, percursos acadêmicos de índios, negros e quilombolas têm sido construídos na contramão das adversidades. Pretende-se reunir, neste GT, comunicadores atentos aos efeitos dessas trajetórias sobre coletivos indígenas, negros e quilombolas, buscando-se responder a quatro questões básicas: [1] até que ponto o acesso à universidade pública tem auxiliado na consolidação/formação de uma autonomia e protagonismo indígena, negro e quilombola em um cenário de deterioração gradual de direitos? [2] Em que sentido a produção acadêmica e política desses atores sociais tem feito diferença em relação ao que, antes, já se produzia? [3] Quais os novos olhares e perspectivas trazidos por estes novos intelectuais indígenas/quilombolas/negros? [4] Que repercussões têm sido produzidas, nos coletivos de origem, pela ascensão de indígenas e quilombolas/negros ao ensino superior em níveis de graduação e pós-graduação?

Trajetória profissional de mulheres negras docentes na Universidade de Brasília: desafios e perspectivas

Autoria: Erika Costa Silva

A cultura científica é sublinhada por um ethos masculinista, o modo pelo qual as práticas sociais estão configuradas através de um modelo patriarcal favorece a inserção dos homens nas instituições científicas. Entre as diversas atividades da cultura científica destaca-se a carreira docente. No Brasil a profissão de docente não é apenas masculina, como também é racialmente branca. O Censo do Ensino Superior do ano de 2016 divulgado pelo Instituto Nacional de Estudos e Pesquisa Educacionais Anísio Teixeira informa que no Brasil há apenas 219 mulheres negras que atua como docente em programas de pós-graduações, o que representa 0,4% do total geral. Em um contexto mais específico tais características também pode ser observada, como por exemplo, a Universidade de Brasília. Mais de uma década após a implementação das ações afirmativas para estudantes negros no acesso a graduação, as desigualdades raciais ainda persistem no quadro docente da instituição. Realizamos durante os meses de setembro e outubro do ano de 2017 um levantamento quantitativo para identificar a composição racial do quadro docente da UnB. De acordo com este levantamento identificamos que atualmente a instituição dispõe de um total de 2.437 docentes efetivos, dos quais 47% (1.084) são mulheres e 53% (1.353) são homens, deste total apenas 50 docentes são negros, sendo que 1,51% (24) são mulheres e 1,64% (26) são homens. Estes aspectos indicam as desigualdades de raça e gênero na profissão de docente na instituição. Os dados apresentados são resultados da primeira fase da pesquisa que está em andamento sobre a trajetória de formação profissional de mulheres negras docentes na UnB. A inter-relação entre gênero e raça constituem obstáculos visíveis e invisíveis para as mulheres



negras na profissionalização de docente. Nosso objetivo é apresentar as características dos desafios estruturais da carreira docente para mulheres negras, através dos aspectos da docência na UnB. Constatamos que as mulheres negras docentes na instituição concentra-se especialmente nas área do conhecimento das Ciências Humanas e Sociais Aplicadas, áreas como as Ciências Exatas e Engenharias ainda constituem espaços de difícil acesso para mulheres, sobretudo para mulheres negras. Nota-se que a produção científica empreendida pelas docentes negras na UnB é marcada por uma produção do conhecimento devidamente localizada, pois boa parte desta insere-se no campo dos estudos das relações raciais e de gênero. Através do suporte teórico de nossa investigação apoiado no feminismo negro e na crítica feminista podemos compreender quais os desafios estruturais estabelecidos para mulheres negras na profissionalização de docente na UnB.



Boas Vindas

A Associação Brasileira de Antropologia e a Universidade de Brasília dão as boas-vindas aos participantes da 31ª Reunião Brasileira de Antropologia! O encontro será realizado entre 9 e 12 de dezembro deste ano e traz como temática geral “Direitos Humanos e Antropologia em Ação”.

O início da nossa RBA se fará em contexto que precederá não só o novo governo eleito, como a nova Legislatura. Sua realização em Brasília permitirá dar maior visibilidade aos debates e reflexões antropológicas sobre os Direitos Humanos no Brasil.

Teremos atravessado o ano eleitoral que terá adicionado maior tensão ao atual contexto político. Hoje, estamos diante da crise econômica, do aumento das forças conservadoras e do decréscimo substantivo dos recursos financeiros necessários ao desenvolvimento da ciência e tecnologia, em especial das ciências humanas.

A temática desta Reunião visa refletir sobre a atual situação e o futuro dos Direitos Fundamentais inscritos na Constituição de 1988. Estão em risco os direitos ao reconhecimento e à territorialidade de indígenas, quilombolas e povos tradicionais, e aos direitos ambientais.

Da mesma forma, o Congresso Nacional alcinhou o conceito de gênero, de “ideologia de gênero” e retirou do Plano Nacional de Educação 2014/2020 as referências a procedimentos e medidas educacionais que visavam combater a discriminação de gênero. Deixou-se assim a descoberto no Plano educacional, ganhos importantes das movimentações sociais feministas, das movimentações pelos direitos à diversidade sexual, e das movimentações sociais pelo combate ao racismo que, de forma múltipla e/ou compartilhada, estimulavam e consolidaram estudos da interseccionalidade de gênero, sexualidade, raça e classe.

Depois de vários anos, pela terceira vez, (a primeira em 1984, a segunda em 2000), a Reunião será realizada na Universidade de Brasília. De 2000 para cá expandiram-se os programas de pós-graduação, departamentos e unidades que incorporam antropólogos/as em seu corpo docente e que incorporam conhecimentos antropológicos no seu ensino. Em especial, expandiu-se a incorporação de estudantes indígenas e de estudantes negros/as, pardos/as e de estudantes advindos das escolas públicas, nos cursos de graduação e nos de pós-graduação.

Contaremos com o apoio, não somente das áreas onde se congregam tradicionalmente os antropólogos/as, mas também dessas múltiplas áreas de ensino que na UnB se expandiram pela nucleação de estudos que incorporam a Antropologia nas áreas de saúde coletiva, artes visuais, educação e nos estudos que se dedicam aos povos tradicionais e questões ambientais.

Contaremos com o apoio relevante do Departamento de Antropologia e do seu Programa de Pós-graduação em Antropologia Social (PPGAS) criado o Mestrado em 1972, e, em 1981, o doutorado. O PPGAS se orgulha em manter os níveis mais altos da avaliação da CAPES através da prontidão contínua de seus/suas docentes e discentes.

Teremos o apoio do Instituto de Ciências Sociais (ICS), e de seus/suas docentes e discentes. Congrega os Departamentos de Antropologia (DAN), Sociologia (SOL) e Estudos Latino- Americanos (ELA). O ICS é responsável pelo curso de Ciências Sociais e suas habilitações em Antropologia (Bacharelado), Sociologia (Bacharelado) e



Ciências Sociais (Licenciatura) e pelos Programa de Pós-Graduação em Antropologia, Programa de Pós-Graduação em Sociologia e Programa de Pós-Graduação em Estudos Comparados sobre as Américas.

Teremos também o apoio do Centro de Desenvolvimento Sustentável (CDS), que oferece o curso de Mestrado em Sustentabilidade junto aos Povos e Terras Tradicionais (MESPT); o apoio da área de Saúde Coletiva da Faculdade de Ceilândia (FCE); da Faculdade de Saúde Coletiva (FS); da Faculdade de Educação (FE); do Instituto de Artes (IDA) e o forte apoio da Reitoria e da Administração Superior da UnB.

Brasília é um dos espaços que mais abriga antropólogos e antropólogas que desenvolvem atividades profissionais em órgãos do Estado, em órgãos da Justiça e do Ministério Público e em organizações não governamentais. Esse cenário permitirá sua forte contribuição aos debates e a maior visibilidade da área.

E, por fim, Brasília cada vez mais se apresenta como uma cidade com importância turística, ambiental, qualidade de vida e relevância dos movimentos sociais.

Um grande abraço de Boas Vindas,

Lia Zanotta Machado - Presidenta da ABA
Diretoria da ABA 2017/2018
Comissão Organizadora da 31ª RBA

Realização:



Apoio:



Organização:

